

Ler&Contar

Acesso gratuito a contos inéditos de autores lusófonos, com ilustrações originais. O(a) jovem/professor(a)/pai/mãe/educador(a) vai ler o conto e, seguidamente, poderá contá-lo e oferecê-lo a uma criança que por sua vez o contará também, recriando-o através da sua memória e da sua imaginação. Terá, ainda, em cada fascículo, um espaço reservado para fazer a sua própria ilustração.

Os autores dos contos que ofereceremos, à média de um por quinzena e com início a 10 de Maio, durante o ano 2020, são angolanos. De forma pro bono aderiram a este projecto que fará chegar a inúmeros leitores contos de escritores que são referência, a par dos de alguns valores emergentes no panorama da literatura lusófona.

Noitibó Confraria

Apostamos na criação de projectos de divulgação de autores.

Queremos fazê-lo de forma lúdica e imaginativa.

Autor

Luísa Fresta

Escreve no portal O Gazzeta, coordenado por Germano Xavier e desde 2014 publica prosa e poesia no portal Entrementes - Revista Digital de Cultura. Desde 2016 escreve também no jornal digital Artes&Contextos. OBRAS DA AUTORA: *49 Passos/ Entre os Limites e o Infinito* (poesia), Chiado Editora, 2014; *Contexturas* (contos, baseados em quadros de Arminda Alves, co-autora), Livros de Ontem, 2017; *Março entre meridianos* (poesia, 1º prémio “Um Bouquet de Rosas para Ti”), MAAN, 2018 e Livros de Ontem, 2019 (reedição); *A Fabulosa galinha de Angola* (infanto-juvenil), Editorial Novembro, 2020.

Ilustrador

Samuel Rego

Memórias de infância e adolescência: sempre de lápis na mão e cara salpicada de tinta. Seguiu o curso de Artes Visuais, pulando em seguida para a cidade de Caldas da Rainha; foi na ESAD.CR que aprendeu e desaprendeu o que é o design gráfico. Daí, rumou novamente a norte. Neste momento, está a concluir um mestrado em Design Gráfico e projectos editoriais na FBAUP (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto).

Na Web

Sítio: www.lerecontar.com

Instagram: [@ler_contar](https://www.instagram.com/ler_contar)

Facebook: www.facebook.com/Ler-Contar

Ficha Técnica

Projecto: Glória de Sousa, Samuel Rego,

Tomás Lima Coelho

Coordenação: Glória de Sousa

Autor do Conto: Luísa Fresta

Concepção Gráfica: Samuel Rego

Produção: Noitibó Confraria

Caracteres: Noto Sans/Noto Serif

Contacto: lerecontar2020@gmail.com

Colaboração: Débora Oliveira, Maria José Moreira, Paula Cochat, Teresa Brarens, Maria João Teles Grilo

Proibida a venda.



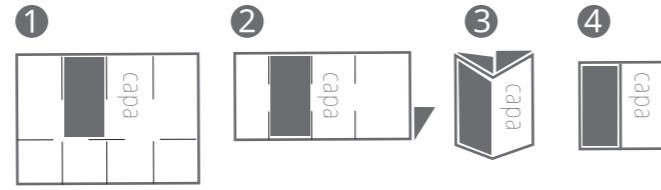
Os modernos frasquinhos de laboratório). Os mais imprevidentes chegavam a levar material para análise quase a rasar a tampa do frasco de café Ginga, roçando o ridículo e desafiando o bom senso — por desconhecimento e ingenuidade — e proporcionando um espectáculo aterrador aos analistas que, por aqueles dias, nos atendiam no posto de saúde local. Mas a bilharziose tinha, então, grande prevalência e o combate às lombrigas e bichas-solitárias era prioritário. No tempo em que os parasitas mandavam o velho não era tão velho: era um homem sem idade que guardava ainda traços da juventude e cuja missão, auto-imposta e diária, era controlar as bichas para que ninguém se exaltasse à hora da abertura das lojas. É um tempo tão longínquo que até parece invenção. O dito homem andava, portanto,

2

Um homem que criou uma estranha profissão para si mesmo. Porque a guerra deixa amargas lembranças, tão desconcertantes como um amor passado. Existirá uma fronteira que nos separa da loucura? Entre o passado e o futuro, um homem será sempre a soma das suas experiências e encontros.

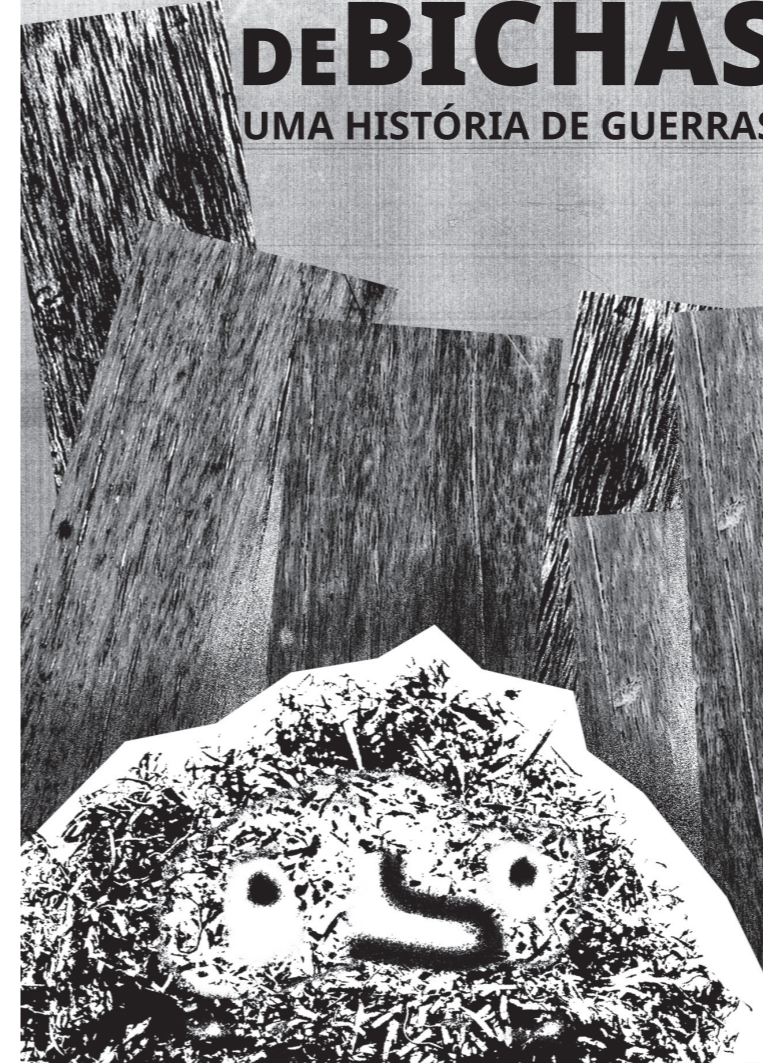


Instruções de dobragem



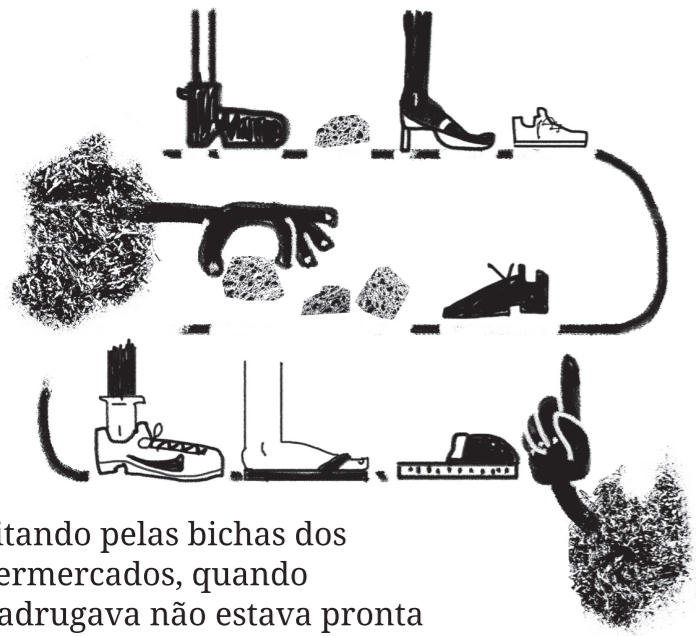
O ORGANIZADOR DE BICHAS

UMA HISTÓRIA DE GUERRAS



O velho deslizava pela rua com um ar desmazelado, os cabelos vagamente embranquecidos em canudos retorcidos e cobertos de uma película grossa como cera, que há muito não viam pente nem água corrente ou a sombra de um sabão. Embora tivesse poucas cãs, adivinhava-se pelo andar curvado e pelas rugas das mãos muitos outros anos, não contabilizados pelo documento que em tempos tivera. Como andasse de unhas compridas e estriadas lembrando cornos de palanca, encardidas e maltratadas, e exalasse um cheiro nauseabundo mesmo no cacimbo, não era qualquer um que se atrevia a entabular conversa com o misterioso personagem que vagueava pela rua da antiga Delegacia de Saúde, onde íamos fazer análises aos parasitas, levando cada um a sua amostra dentro de uma caixa de fósforos! (naquela época não tínhamos

1



saltitando pelas bichas dos supermercados, quando a madrugada não estava pronta para adivinhar as cores da manhã. Retirava pedras do caminho, aquelas que os mais astutos tinham deixado para reivindicar mais tarde o seu lugar, recolhia sapatos que ali tinham sido postos com a mesma finalidade e exortava as pessoas — “os populares” — a manterem uma fila recta, sem desvios, nós, reticências ou desajeitada pontuação, nem curvas ou bifurcações capazes de gerar acesas discussões ou mesmo cenas de chapada e arranca-cabelos, visto que pancadaria de homens como nos filmes de acção não se via muito. Esse senhor era meticuloso e obsessivo e por isso exagerava na disciplina que entendia como imprescindível, a ponto de saltar da cama para cumprir as tarefas que lhe cabiam então na História da cidade, segundo o seu próprio entendimento,

3

tentando arrumar, nas bichas, o que não conseguia nos seus emaranhados pensamentos. Ele próprio não tinha qualquer interesse directo nos bens que ali se vendiam ocasionalmente no dia-a-dia, uma vez que os seus familiares já cumpriam a bicha por si, como clientes em tranquilo compasso de espera.

A guerra tinha-lhe trocado as voltas e dado a volta ao miolo. Voltara com menos uma perna e duas muletas de madeira gasta, herdadas de um camarada ferido que entretanto falecera antes de fazer vinte anos; mas na verdade não se podia saber ao certo a sua idade, posto que lhe tinham rasgado a identificação quando ingressara no glorioso exército; na altura, esse saudoso companheiro de armas afirmara ter apenas quinze anos mas como era musculoso e bem desenvolvido fora “promovido” à maioridade. Ao regressar da batalha, deficiente, desiludido e com futuro incerto, descobriu que a namorada de adolescência nem se dera ao trabalho de abandoná-lo cara a cara, pois há muito que se entendera com outro, um general abastado e poderoso, de quem já tinha dois filhos. Perdera-lhe o rasto e resolvera encurtar o tempo de espera e de pouca esperança, sem garantias, oferecendo-se a si mesma um futuro. Assim se entregou à profissão de organizador de bichas, o homem a quem a guerra deixara incapacitado, mas não incapaz; era um recurso, uma missão patriótica na vida civil, até conseguir

4

voltar a estudar, como almejava. Mas o cérebro estava irremediavelmente minado pelas agruras do combate. Perdera amigos e família nos dois lados do campo de batalha, tinha sido despachado pela namorada, perdera a confiança. Apenas a sua mãe, quitandeira no mercado de São Paulo, o mantinha preso à luz da vida. Quando ela se foi, o espírito do Bartolomeu, chamemos-lhe assim, desprendera-se da realidade e passara a deambular pelas ruas de Luanda, deixando para trás uma promissora carreira, a de orientar os seus concidadãos, e o sonho de um dia voltar à escola.

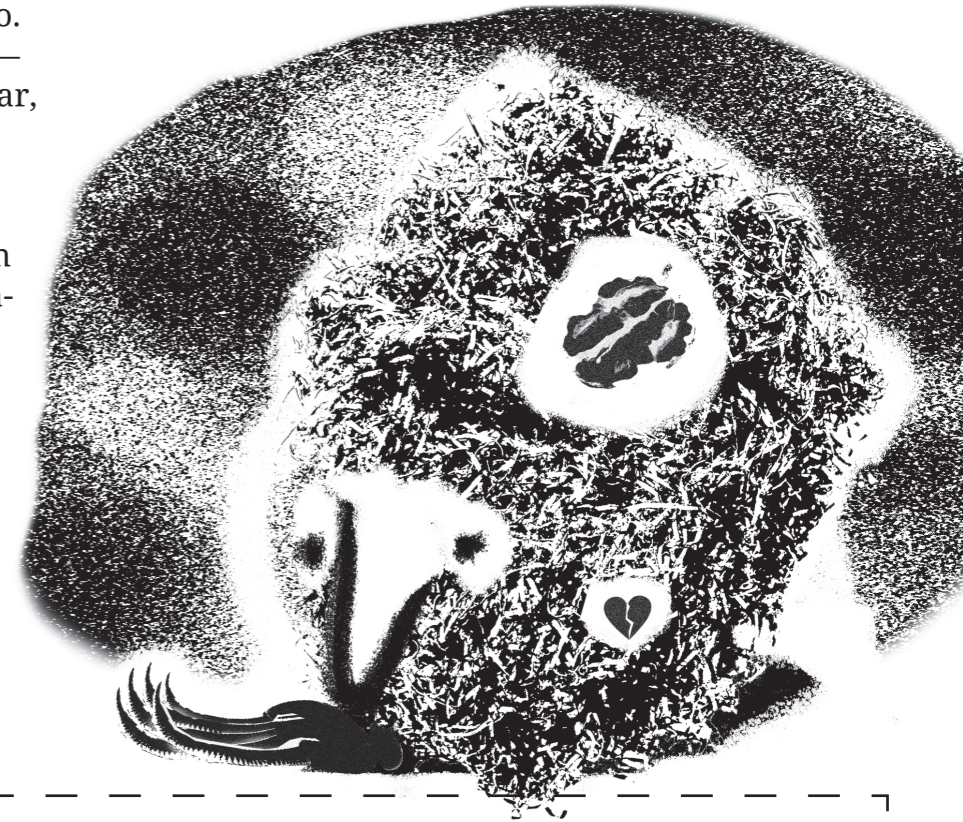
Os pés gretados arrastavam-no pela poeira, enquanto ajeitava pedras no meio do caminho. Junto aos contentores do lixo procurava sapatos velhos, que arrumava sempre cuidadosamente num canto.

— Estão à espera dos donos, dona — explicou-me um dia, ao ver-me olhar, incrédula, para aqueles pedaços díspares de couro velho e de solas de plástico e de borracha.

Só se enfurecia quando lhe mexiam nos sapatos: aí sim, o olhar vidrava-se-lhe e corria sangue vivo pela íris, as mãos crispavam-se e emudecia. Alguns diziam que era da liamba, mas também diziam que o conheciam do Marçal e que se chamava Bartolomeu, que tinha chegado a estudar e exercido como analista; mas nenhum desses

5

factos foi, alguma vez, comprovado. Constava também que tinha passado pelo Papá Kitoko e finalmente sido recolhido num convento, onde era ajudante de jardineiro, e até tinha arranjado uma companheira, nada menos do que a cozinheira-chefe, uma bela kwanyama de porte altivo. Tornara-se limpo e aprumado, mas sempre com um brilho invulgar no olhar: ali submetiam-no regularmente à máquina zero que aplainava também as lembranças mais dolorosas, a mando da mulher. Mas para quem por ali andava há várias décadas, Bartolomeu nunca foi conhecido por outro nome que não fosse “o organizador de bichas”. De menino e de louco, todos temos um pouco, diz o adágio popular: se for verdade, todos somos um pouco Bartolomeu.



**Cria aqui
a tua ilustração
do conto!
Digitaliza-a
e envia-a
para nós.**